

# A produção de adversativas no português europeu<sup>1</sup>

*Edite da Conceição Fernandes Prada*  
Escola Secundária do Monte de Caparica

## I. Apresentação

Pretendemos, no âmbito da psicolinguística cognitiva – e numa relação de convergência entre a sintaxe e a semântica –, estudar as **produções adversativas** em textos escritos por jovens falantes do Português Europeu. Estes jovens constituem dois grupos distintos, com um total de 56 intervenientes:

**Grupo I** – Duas turmas de alunos do oitavo ano, com idades entre os 14 e os 16 anos (42 jovens);

**Grupo II** – Alunos de um curso profissional com idades entre os 17 e os 20 anos (14 jovens).

O *corpus* da produção escrita foi obtido a partir de composições feitas pelos alunos no decurso normal das aulas e subordinadas a assuntos em estudo. Foram propostos sete temas, sendo três deles, pelas suas características, apresentados a todos os alunos. Desses sete temas resultaram 242 textos, em 112 dos quais, correspondendo a 46,3%, ocorreu, pelo menos uma vez, o uso da construção adversativa. No grupo I, composto pelos quarenta e dois alunos do oitavo ano, houve cinco jovens (11,9%) que não usaram a coordenação adversativa uma única vez.<sup>2</sup> Recolhemos um total de 259 ocorrências de construção adversativa e, *grosso modo*, podemos afirmar que se trata de uma estrutura adquirida: encontrámos cinco construções marginais (1,9%) – normativamente falando – embora em alguns casos se possa verificar a existência de um nexos integrável nos valores semânticos da adversidade, como é o caso da frase (1)<sup>3</sup>:

---

<sup>1</sup> O presente trabalho constitui parte integrante da dissertação com o mesmo título elaborada no âmbito do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses, da Universidade Aberta e só foi possível graças ao apoio das minhas orientadoras Doutora Hanna Batoréo e Doutora Gabriela Matos.

<sup>2</sup> Para três destes cinco alunos o português não é língua materna, sendo dois deles bastante indisciplinados e violentos.

<sup>3</sup> Para facilitar a ordenação dos exemplos serão todos antecidos de um número em sequência. A esse número seguir-se-á um outro, correspondente ao número do exemplo no *corpus*. A letra C que antecede o segundo número indica que se trata de um exemplo do *corpus* dos alunos. O código estabelecido para cada produção é constituído por sete elementos: cinco constantes e dois ocasionais; os dois ocasionais dão informação sobre o facto de o jovem ser ou não repetente no ano em curso (R)

- (1) C(203) ...*batemos à porta; depois de cinco batidelas esta abriu-se sozinha, o que provocou um súbito arrepio em todos nós. Arrepiados e alguns até amedrontados, mas decidimos entrar....* [17C08D01]

A adversidade nesta construção não é possível, pois a coordenação deve efectuar-se entre elementos da mesma natureza, o que não ocorre aqui. Para que seja aceitável precisamos de introduzir um verbo, como por exemplo, o verbo *estar* (1a); o contraste que se sente é, ainda, bem conseguido se construirmos uma oração concessiva (1b):

- (1a) *Estávamos arrepiados e alguns até amedrontados, mas decidimos entrar...*  
 (1b) *Embora arrepiados e alguns até amedrontados, decidimos entrar.*

Verifica-se, nos exemplos apresentados, a existência de contraste, mas a forma de o representar não é a adequada<sup>4</sup>. Dominando melhor a forma adversativa, o jovem usou-a, mas distribuiu as palavras na frase de tal forma que uma concessiva seria mais bem conseguida.<sup>5</sup> O nosso objectivo é delimitar, o melhor possível, o que pertence a cada estrutura para levar o jovem a perceber o uso de cada uma e, conseqüentemente, fazer uma opção consciente.

## 2. Produções adversativas: aspectos sintácticos

Uma abordagem sintáctica torna-se necessária para situar e identificar o problema, permitindo, por exemplo, perceber o que é articulável pela coordenação:

### 2.1. Elementos coordenados nas adversativas produzidas

A coordenação adversativa relaciona elementos de valor ou função equivalentes, podendo ser estabelecida ligação entre (i) partes de texto; (ii) frases ou (iii) constituintes, que podem ou não ser da mesma categoria, embora devam estabelecer o mesmo nexos semântico:

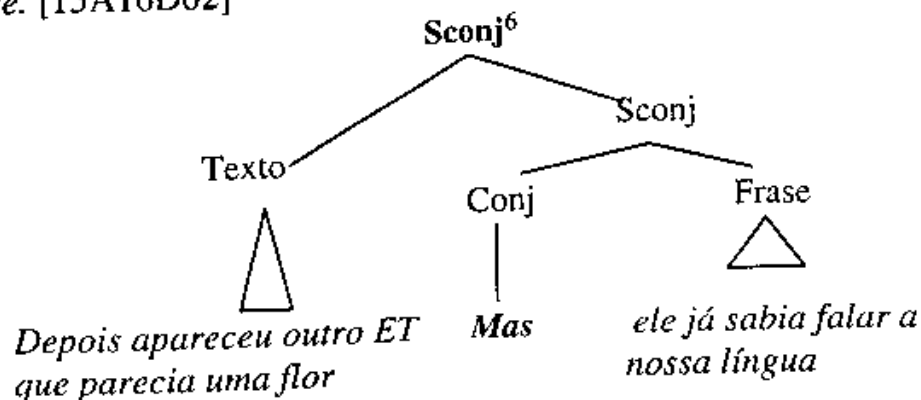
e sobre o facto de, para o jovem, o português ser ou língua materna (N). Os cinco obrigatórios informam: a) sobre a idade média do jovem no momento em que produziu o texto – dois primeiros números; b) sobre o grupo a que pertence o jovem – primeira letra; c) número convencional atribuído a cada aluno – segundo grupo de dois números; d) composição de que saiu o exemplo – segunda letra; e) número da ocorrência do exemplo no texto – últimos dois números. Assim o código 17C08D01 significa que (i) a idade média do autor do texto era 17 anos no momento em que o produziu; (ii) ele estava inserido no grupo C (o dos alunos que frequentam o curso profissional); (iii) lhe foi atribuído o número convencional 08; (iv) o exemplo foi extraído da composição D; (v) foi a primeira vez que, nesse texto, surgiu uma adversativa.

<sup>4</sup> Recordamos Epifânio Dias: “Cumprer não esquecer que a coordenação e a subordinação syntaxicas são actos de fôrma” (1870: 146).

<sup>5</sup> São vários os autores que apontam para esta possibilidade de produzir o contraste quer através da coordenada adversativa, quer através da subordinada concessiva.

(i) Coordenação entre partes de Texto

- (2) C(97) *Depois apareceu outro ET que parecia uma flor,[...]. Mas ele já sabia falar a nossa língua e então perguntou-me quem eu era e eu disse.* [15A16D02]



A utilização de um nó *Texto* corresponde à interpretação que fazemos e que vem sendo apontada pelos investigadores que se dedicam ao estudo dos conectores<sup>7</sup>. *Mas* introduz uma coordenada adversativa De facto, como já referimos, a coordenante está no “bloco” de texto anterior à pausa, o que nos leva a questionar a “força” desta barreira que continua a permitir a associação de frases. Por isso consideramos ligação de partes de texto todas as situações em que registámos a ocorrência de um conector adversativo imediatamente após uma pausa forte. Na maioria das situações a ligação entre coordenante e coordenada é bastante perceptível, tal como no exemplo apresentado, havendo, embora, casos mais subtis, como os que referem Ducrot *et alii*, 1980, ao apontar a possibilidade de uma construção com *mas* – *mais* francês – poder articular-se directamente com uma frase que não chega a ser dita, sendo, todavia, facilmente recuperada pelo contexto – o verbal não expresso – ou funcionar como reacção/resposta a um gesto do interlocutor articulando-se desse modo, com o não verbal. São situações próximas da que se verifica na frase (3):

- (3) C(24) *“E o policia (= polícia) disse:  
– Por favor não (= favor, não) me despeça chefe eu (= chefe! Eu) não tive a culpa foi este senhor que disse que havia fogo e eu acreditei porque vi muita gente junta.  
– Mas o senhor que eu trago tem uma história a contar.  
[13A07b01]  
O senhor contou a história ao chefe e o chefe ficou admirado mas disse [13A07b02]*

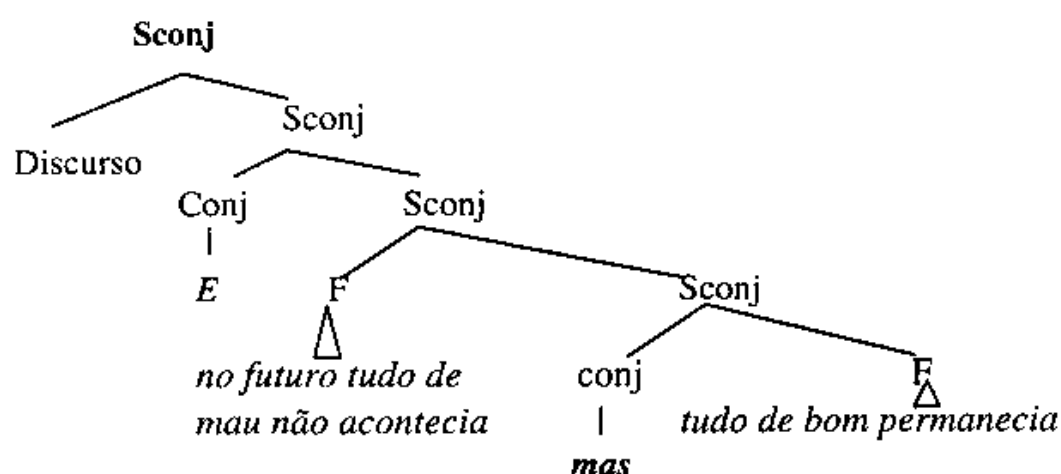
<sup>6</sup> Optámos por uma formulação muito simples, assumindo como núcleo conj., pois o nosso principal objectivo é descrever as situações detectadas e não formalizá-las.

<sup>7</sup> Os gramáticos, embora não explicitem esta situação, apresentam, por vezes, exemplos em que a adversativa é separada da respectiva coordenante através de uma pausa acentuada (cf. Cunha e Cintra, 1984: 580 – 2. b)).

Notemos, em primeiro lugar, que se trata do discurso de duas pessoas: o narrador – que intervém na primeira e última frases – e o polícia que diz tudo o resto, havendo uma indicação de mudança de discurso inadequada, do ponto de vista da norma. No entanto, essa reintrodução da marca de discurso directo, pode significar uma reacção/resposta<sup>8</sup> verbal a qualquer gesto de desaprovação efectuada por parte do chefe e que só poderia ser objectivado pelo contexto.

### (ii) Coordenação de frases

- (4) C(58) *E no futuro tudo de mau (= mau) na (= não) acontecia mas tudo de bom permanecia (= permanecia).* [15A20C01]



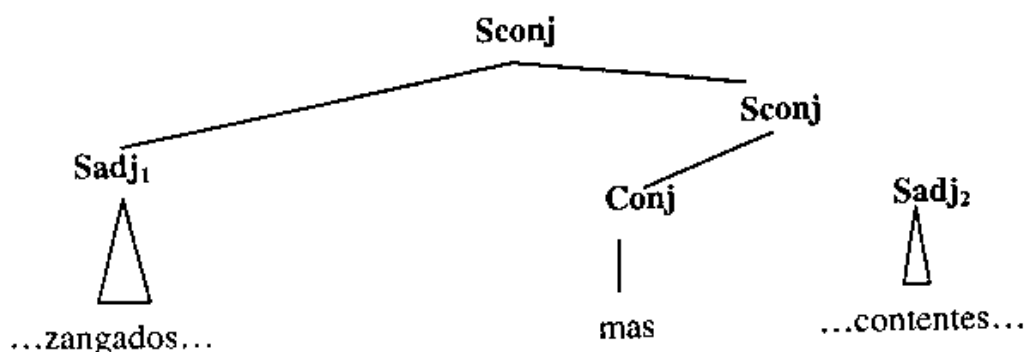
Quando se trata de frases subordinadas, a ligação adversativa apresenta algumas restrições, sendo mais frequente a ligação entre orações completivas, relativas e finais:

- (5) *João disse que ia à terra, mas que não visitava a tia.*

### (iii) Coordenação de constituintes

- (6) C(34) *Quando viram o que era ficaram todos admirados, zangados por terem sido enganados mas contentes por estarem a ver pela primeira vez uma flore (= flor) tão bonita numa praia.* [16A17B01]

<sup>8</sup> Janine Metral, analisando um texto em que a conjunção adversativa surge após pausa acentuada diz: "Comment expliquer le *mais* initial sinon en interprétant l'énoncé comme une réponse à ce reportage «que disait sans dire»" 1982, "A partir d'agora – Quelques reflexions" in *Cahiers de Linguistique Française* n° 4., Genève, Université de Genève, (219-227).



A coordenação é possível entre elementos da mesma natureza e categoria ou com função semântica próxima, como em (7); a coordenação de SN só é possível se um dos nomes estiver na forma negativa, ou se designar um subgrupo (8) e (9).<sup>9</sup>

(7) *Uma jovem encantadora e de olhar brilhante aproximou-se.*

(8) *Eu vi uma lebre, mas não um coelho.*

(9) *Eu vi uma lebre, mas uma lebre grande.*

### 2.1.1. Elementos coordenados no *Corpus*

No total das 259 ocorrências de construções adversativas que recolhemos no nosso *corpus* registam-se 63 (24,3 %) casos de coordenação de partes de discurso, 177 (68,4%) de coordenação de frases e 19 (7,3%) de coordenação de constituintes.

### 2.2. Conectores presentes nas adversativas produzidas

Salvo algumas exceções, nas gramáticas consultadas (cf. Bibliografia), encontrámos a designação de *conjunção ou locução adversativa* para todas as palavras ou expressões que estabelecem entre orações um nexos semântico associado à adversidade. As mais frequentemente referidas são: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, não obstante, ainda assim*. O comportamento sintáctico de algumas destas palavras, por exemplo *porém* e *mas*, revela algumas diferenças. Se retomarmos o exemplo (4), que repetimos em (10), e tentarmos deslocar a posição da conjunção, obtemos uma frase mal formada (10a). Se substituirmos *mas* por *porém* (10b) e (10c) verificamos que não se regista nenhuma incorrecção:

(10) *E no futuro tudo de mau não acontecia mas tudo de bom permanecia.*

(10 a) \**E no futuro tudo de mau não acontecia tudo de bom mas permanecia.*

(10b) *E no futuro tudo de mau não acontecia porém tudo de bom permanecia.*

(10c) *E no futuro tudo de mau não acontecia tudo de bom, porém, permanecia.*

(10d) *E no futuro tudo de mau não acontecia tudo de bom permanecia, porém.*

<sup>9</sup> José CAMACHO, 1999: 2690.

Os estudiosos, partindo dos diversos comportamentos sintácticos destas palavras ou de outras equivalentes têm tentado definir as características sintácticas das conjunções, criando um conjunto de instrumentos de análise. Quirk *et alii* (1985), na sequência de trabalhos anteriores, sintetizam as características que uma conjunção deve possuir. Depois de termos analisado algumas frases aplicando essas características, concluímos que *mas* é o único vocábulo que preenche todas as condições para ser considerado conjunção adversativa. Nos restantes casos estamos perante advérbios que parecem estar a perder o seu valor adverbial<sup>10</sup>. No nosso trabalho referir-nos-emos sobretudo a *mas*, *única conjunção adversativa* e, pontualmente, por via da sua ocorrência, a alguns advérbios dos já acima referidos.

### 2.2.1. Conjunção e advérbios no *Corpus*<sup>11</sup>

No *corpus*, por nós reunido, de 259 orações adversativas, é, preferencialmente, usada a conjunção *mas*, sendo muito pontual o uso dos advérbios:

<b>Mas</b>	Isolada .....	255 ocorrências – (98,4 %).
	Associada a <i>no entanto</i> ( <i>mas, no entanto</i> ,) ...	1 ocorrência – (0,4%).
<i>Porém</i> .....	1 ocorrência – (0,4%).	
<i>Contudo</i> .....	1 ocorrência – (0,4%).	
<i>No entanto</i> .....	1 ocorrência – (0,4%).	
<b>TOTAL</b> .....	<b>259</b>	

Quadro 1 – Ocorrência de conectores no *Corpus*

### 3. Aspectos semânticos

De todas as palavras apresentadas como conjunções adversativas nos restringimos a uma: *mas*. Essa parcimónia contrasta, todavia, com o grande leque da variação de sentidos que esta construção consegue veicular. E, simultaneamente, com a capacidade que os jovens revelam para aplicar todos eles e, até, criar outros. Os valores mais atribuídos à oração adversativa pelos gramáticos portugueses estudados, são, por ordem decrescente de frequência: (i) Oposição; (ii) Contraste; (iii) Contraposição; (iv) Restrição; (v) Rectificação; (vi) Atenuação ou compensação; (vii) Adição; (viii) Mudança de assunto.

A análise do *corpus* conduz a resultados um pouco diferentes dos que indicamos acima, como se pode observar no quadro 2:

<sup>10</sup> Bechara (1999) aponta o facto de haver vocábulos que estabelecem um nexos semântico próximo do que é transmitido pelas conjunções adversativas – que para este estudioso são *mas, porém e senão* – e que não devem ser incluídos entre as conjunções *mas* sim entre os advérbios.

<sup>11</sup> Recordamos que *conector* designa uma categoria muito mais vasta, incluindo as conjunções e os advérbios que estão a sofrer um processo de gramaticalização.

	TEXTO	FRASE	CONSTITUINTES	TOTAL	
Contraste	22	79	11	112	45%
Adição	9	30	5	44	17,3%
Restrição	4	29	2	35	13,5%
Realce	13	10	1	24	9,3%
Contraposição	3	7	0	10	3,8%
Conclusão	2	7	0	9	3,4%
Atenuação/compensação	4	5	0	9	3,4%
Mudança de Assunto	2	1	0	3	1,2%
Rectificação	0	1	0	1	0,4%
Justaposição	4	8	0	12	4,6%
<b>TOTAL</b>	<b>65</b>	<b>177</b>	<b>19</b>	<b>269</b>	<b>100%</b>

**Quadro 2 – Distribuição dos valores semânticos no *Corpus C*.**  
As zonas sombreadas assinalam os totais e as respectivas percentagens.

O aspecto referido em primeiro lugar – *oposição* – ocupa o quarto lugar no *corpus* sendo o primeiro lugar ocupado pelo *contraste*, apontado pelos gramáticos em segundo. Mais surpreendente ainda, o valor indicado por estes em sétimo lugar – *adição* – sobe para a segunda posição e ocorre em 45 frases correspondendo a 17,3%. Além disso, é também em frases com este valor que surgem algumas das situações mais originais, que exporemos a seguir. O exemplo de adversidade com valor aditivo que Cunha e Cintra (1984:580) nos indicam é o seguinte:

(11) *Anoitece, mas a vida não cessa*. Raul Brandão.

Tal como em muitos exemplos que seleccionámos do *corpus*, neste está presente o valor de contraste, que podemos analisar de várias formas: o anoitecer pode ser sentido como a metáfora da morte com a qual contrasta a vida que não cessa. Podemos ainda interpretar vida como bulício, trabalho, que decai com o chegar da noite, mas não cessa completamente. Todavia, o contraste existente no conjunto não tem como principal centro a conjunção, mas o conteúdo semântico de ambas as orações relacionadas. Em situações como esta a conjunção copulativa transmite igualmente a ideia de contraste (10a).

(11a) *Anoitece e a vida não cessa*.

Em (12) as orações coordenadas sucedem-se no tempo e podem ser igualmente coordenadas por meio de uma conjunção copulativa, como se observa em (12a)

- (12) C(104) ... o florista [...] ficou espantado, mas logo de seguida disse que nunca tinha visto uma flor tão bonita. [15B10B01R]  
 (12a) ... o florista [...] ficou espantado e logo de seguida disse que nunca tinha visto uma flor tão bonita.

O significado das frases não é exactamente o mesmo, até porque têm características prosódicas diferentes. Em (12a) a coordenada copulativa está ligada à anterior de forma mais “abrupta”, denunciando talvez entusiasmo e espontaneidade, reforçada pela locução adverbial “logo de seguida”, enquanto em (12) a conjunção *mas* denota alguma hesitação, que é uma outra forma de “representar” o inesperado e enfraquece, ao mesmo tempo, o valor da locução adverbial. Esta segunda interpretação enquadra-se na caracterização mais frequente do uso da conjunção adversativa, proposta por Ducrot<sup>12</sup> segundo a qual, para haver adversidade deverá haver duas proposições *P* e *Q* tais que *P* aponte para uma conclusão *R* diferente da que se pode retirar de *Q*, sendo que *Q* é mais forte para *não-R* do *P* para *R*. Assim, poderíamos pressupor que *P* “o florista ficou espantado” nos conduzia à conclusão *R*: ficou mudo de espanto, conclusão essa que é desmentida por *Q* “logo de seguida disse”. Acontece de modo semelhante em (13) e (13 a):

- (13) C(25) *O senhor contou a história ao chefe e o chefe ficou admirado mas disse: Então está perdoado, mas se voltar a dizer mentiras é despedido.*[13A07b02]  
 (13a) *O senhor contou a história ao chefe, o chefe ficou admirado e disse: Então está perdoado, mas se voltar a dizer mentiras é despedido.*

Nas frases (12) e (13) são possíveis e, a nosso ver, aceitáveis, as duas interpretações (aditiva ou contrastiva). Fazemos a sua análise conjunta, pela grande proximidade existente entre as duas proposições que as constituem: uma situação inesperada que provoca surpresa e uma reacção verbal introduzida por uma conjunção adversativa. Ora um dos efeitos do espanto cristalizou-o o saber popular em várias expressões mais ou menos fixas. *Ficar mudo de espanto, ficar sem palavras, perder o pio*, são alguns exemplos de entre os que poderíamos citar como sendo a favor da conclusão *R = não falar*, perante uma situação de surpresa, indicada por *P* quer em (12) “ficou espantado”, quer em (13) “ficou admirado”. Mas a reacção contrária, que leva as pessoas a falarem incessantemente perante uma situação inesperada, também é possível. E há, no caso de (12) e (13), a sequência temporal que leva as pessoas a fazerem (ou experimentarem) duas coisas seguidas uma à outra: a expe-

<sup>12</sup> Ducrot (1980: 11/12), bem como em outros textos diz que “Lorsqu’on coordonne par mais deux propositions *p* et *q*, on ajoute à *p* et à *q* les deux idées suivantes. D’abord, qu’une certaine conclusion *r*, que l’on a précisément dans l’esprit, et que le destinataire peut retrouver, serait suggérée par *p* et infirmée par *q*; autrement dit, *p* et *q* ont, par rapport à *r*, des orientations argumentatives opposées. Ensuite que *q* a plus de force contre *r* que *p* n’en a en sa faveur; de sorte que l’ensemble *p* mais *q* va dans le sens de non-*r*.”



rimentarem *isto*: *ficar espantado ou admirado e*, depois, *fazerem aquilo*: *dizer*. A frase (14) coloca-nos perante uma situação diferente:

- (14) C(169) *Passados 17 anos, a polícia e os bombeiros resolveram aparecer e a planta já tinha crescido, [...] mas continuava a cantar sempre a mesma música.* [18C09B01]

Num dado momento, numa terra sem flores, nasce uma linda flor canora. A multidão que se juntou, provocou a vinda dos bombeiros com receio de que fosse algo de mal. A paz regressou, a flor manteve-se cantando. Passados dezassete anos, os polícias e os bombeiros aparecem e verificam duas coisas: que a planta cresceu e que continua a cantar sempre a mesma música. O que nos leva a aceitar (13a) como alternativa à frase do aluno:

- (14a) *Passados 17 anos, a polícia e os bombeiros resolveram aparecer: a planta já tinha crescido [...] e continuava a cantar sempre a mesma música.*

Podemos igualmente fazer a análise, tendo em conta o contraste entre as expectativas face ao conhecimento que o indivíduo tem do mundo o qual lhe permite compreender o que realmente acontece: Perante *P*: *a planta já tinha crescido* e o facto de esta planta ser muito especial, uma vez que cantava, o alocutário poderia ser levado a tirar a conclusão *R*: *com o crescimento a planta mudaria de gostos e não cantaria mais a mesma canção*, mas *Q* mostra-nos exactamente o contrário: *continuava a cantar sempre a mesma música*. Outro aspecto interessante nesta frase é o pacto narrativo que se estabelece, e que nos leva a entrar num mundo imaginário e a aceitar as suas regras, podendo aplicar-lhe o saber que o conhecimento do mundo “real” nos faculta.

Em (15) prevalece o contraste semântico entre *república* e *anarquia*. Esse contraste, por se estabelecer entre dois vocábulos, não é anulado se colocarmos a conjunção copulativa (14a), ou mesmo uma pausa (14b). O exemplo (14), pelo contraste semântico, aproxima-se da descrição que R. Lakoff (1971) faz de *but* e a que chama *semantic opposition but*, na qual o autor defende a possibilidade de alteração da ordem das proposições<sup>13</sup>, sem alteração semântica, como se pode observar em (14c).

- (15) C(135) *...não queria que houvesse (= houvesse) república (= república) mas sim uma anarquia.* [16B18C03R]

(15a) Não queria que houvesse república e sim uma anarquia.

(15b) Não queria que houvesse república; queria sim uma anarquia.

(15c) Queria sim que houvesse uma anarquia, mas não uma república.

<sup>13</sup> Por este facto Lakoff aproxima este tipo de construções das que se realizam em Inglês com *and* simétrico, chegando em alguns casos a propor que as duas conjunções podem alternar.

A frase (15) é particularmente rica, pois, se por um lado se enquadra nas descrições de Lakoff (1971), por outro lado, poderíamos dizer com Anscombe e Ducrot (1977) que o *mas* aqui existente corresponde a *sino* do espanhol, ou ao *sondern* do alemão<sup>14</sup>, ou ainda ao *insa*<sup>15</sup> do romeno, pois a oração adversativa refuta a coordenante, que, por sua vez tem, necessariamente, forma negativa sintacticamente expressa. Mas, a partir do momento em que a forma negativa pode transitar para a coordenada, dando origem a uma frase bem formada, torna-se-nos difícil estabelecer uma barreira clara que defenda dois valores distintos para *mas* no Português, como Anscombe e Ducrot (1977) fizeram para o Francês.

O contraste co-ocorre muitas vezes com o valor aditivo. Tal não acontece em alguns casos cuja aceitabilidade é, normativamente falando, problemática, como se verifica em (16).

(16) C(48) *Eu gosto da história mas não gostaria de mudar (= mudar) nada...[16A03C01]*

O contraste que se verifica nesta frase é sintático: temos um verbo – *gostar* – que ocorre duas vezes, uma na forma afirmativa, outra na forma negativa. E essa oposição, sintática à partida, traz consigo a oposição semântica que não se desvanece com a alteração da conjunção (16a), nem com simples pausa (16b):

(16a) *Eu gosto da história e não gostaria de mudar nada.*

(16b) *Eu gosto da história; não gostaria de mudar nada.*

O caso anterior serve-nos, de alguma forma, de introdução a (17), o exemplo que mais se distancia do valor contrastivo, que, como já referimos foi o mais usado pelos alunos, tendo como valor único para *mas* a *adição*:

(17) C(19) *Quando estavam todos em casa choveu mas houve inundações... [13A01b03]*

Quando corrigimos esta frase no trabalho do aluno, propondo a substituição da conjunção adversativa pela copulativa (17a), o autor não foi sensível à alteração que propúnhamos, que, para ele, não modificava em nada o sentido do que escrevera.

<sup>14</sup> Os autores defendem a existência de dois *mais* no francês:

- 1 – um correspondendo ao *pero* espanhol e ao *aber* alemão, usado em frases em que a coordenante: a) ou está na forma afirmativa – o mais comum – b) ou, caso esteja na forma negativa, não é refutada ou rectificadora pela coordenada;
- 2 – outro correspondendo ao espanhol *sino* e ao *sondern* alemão, que têm sempre a coordenante na forma negativa, sintacticamente marcada, e cuja coordenada, além disso, deve servir de correcção ou refutação ao que é afirmado na coordenante. Este tipo de construção é aproximado do que Ducrot define como *argumentação polémica*.

<sup>15</sup> Agradecemos a Cristina Florescu a indicação sobre o romeno.

Ernout et Thomas (1983) quando estudam as conjunções latinas, apontam que, por vezes, devido ao enfraquecimento da conjunção, ela adquiria um valor aditivo<sup>16</sup>. Poderá tratar-se de um alargamento *ad abyssum* do valor aditivo associado a *mas*, no Português, tendo como herança o que acontecia já com as conjunções adversativas no latim? Ou poderá, por outro lado, tratar-se de uma confusão entre *mas* e *mais*,<sup>17</sup> sendo intenção produzir uma frase como (17b)?

(17a) *Quando estavam todos em casa choveu e houve inundações...*

(17b) *Quando estavam todos em casa choveu; mais: houve inundações...*

A análise de alguns exemplos apresentados por Silva (1989) permite-nos identificar, no Português Medieval, o enfraquecimento que Ernout et Thomas (1983) referem relativamente às conjunções latinas, como pode verificar-se no exemplo 1.5.47, que citamos como (18), no qual nos parece clara a existência do valor aditivo de *mas* ainda grafado *mais*:

(18) [1.5.47] – *Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar, mais o que mester ouverdes manda-o a min e eu ch'o darei.*

Seria interessante alargar esta investigação e saber se a adição associada ao contraste é um valor característico da adversidade no Português.

#### 4. Considerações finais

Procurámos demonstrar que o número de conjunções adversativas é menor do que as gramáticas indicam, mas que a riqueza dos sentidos que a adversidade transmite é enorme. O valor que abordámos é a adição. É paradoxal que surjam tantos textos em que é possível descortinar o valor aditivo. Duas hipóteses se nos colocam: (i) a origem de *mas* que provém de *magis*, de onde provém igualmente *mais* e que tem sido explorada, sobretudo por Ducrot, para justificar exactamente o valor contrastivo da conjunção; (ii) o comportamento das partículas adversativas latinas que já surgiam em alguns textos do latim clássico de uma forma enfraquecida adquirindo valor aditivo, como nos dizem Ernout et alii (1997).

<sup>16</sup> Os autores citam algumas frases de autores latinos que documentam o enfraquecimento do conector adversativo: Salústio: "*eo signo... cetera multitudo.... Suum quoique negotium exsequeretur: sed ea divisa hoc modo dicebantur*" (Apud Ernout et alii (1983) (àquele sinal ... a multidão ... executaria a tarefa que lhe foi estipulada. *Mas [e]* essas tarefas, diz-se, eram atribuídas da seguinte forma.)

<sup>17</sup> Recordamos que ambos os vocábulos têm como origem o advérbio latino *magis*, usado frequentemente na construção do comparativo de superioridade na sua forma analítica.

**Referências**

- ANSCOMBRE, J. C. et DUCROT, O.  
1977 "Deux mais en Français?", in A. J. B. N. Reichling, E.M. Uhlenbek and W. Sidney Allen (Ed.) *Lingua* 43, Amsterdam, North.Holland Publishing Company.
- BARROS, Clara,  
1998, *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português* (organização de Joaquim Fonseca), Porto, Porto Editora.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz,  
1996. *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão linguística – Cognição espacial no Português Europeu: Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas provocadas*, Lisboa, Faculdade de Letras. (publicada como *Expressão do espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*, Lisboa, Textos Universitários e Ciências Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- BECHARA, Evanildo,  
1999, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37ª edição.
- CAMACHO, José  
1999, "La Coordinación" in BOSQUE, Ignacio, DEMONTE, Violeta (org.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S.A.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley,  
1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DÍAS, Augusto Epifânio da Silva,  
1870, *Gramática Prática da Língua Portuguesa*, Porto, Tipografia do Jornal do Porto.
- DUROT O., BRUXELES, S., FOUQUIER, E., GOUAZÉ, J., NUNES. G. dos Resi, REMIS, A.  
1980 "Mais occupe-toi d' Amélie" in *Les Mots du Discours*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- ERNOUT, Alfred, THOMAS, François,  
1983, *Syntaxe Latine*, Paris, Klincksieck.
- GREVISSE,  
1993, *Le Bon Usage*, refondue par André Goose, Paris, 13ème édition revue, Duculot.
- LAKOFF, R.,  
1971, "If's And's and but's about conjunction" in Charles J. FILMORE and D. Terence LANGENDOEN (Ed.) *Studies in Linguistic Semantics*, Holt, Rinehart and Winston, New York.
- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub,  
1983, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- MATOS, Gabriela Ardisson  
1991, "Coordenação. Sujeito Nulo e CO-referência", in *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*, APL, Maia, Gráfica Maiadouro.
- METRAL, Janine,  
1982, "A partir d' agora – Quelques reflexions" in *Cahiers de Linguistique Française* nº 4., Genève, Université de Genève, (219-227).
- QUIRK, Randolph and GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey, SVARTVIK, Jan,  
1985, *A Comprehensive Grammar of the English*, Longman, Essex, England.
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e,  
1989, *Estruturas Trecentistas*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.